

NOTAS INTRODUTÓRIAS À CRISTOLOGIA DE J. RATZINGER

INTRODUCTORY NOTES TO CHRISTOLOGY BY J. RATZINGER

*Anderson Santana Cunha**

Resumo: Após apresentar os elementos essenciais da problemática da Cristologia contemporânea, na perspectiva do teólogo alemão, este ensaio disserta sobre a sua proposta aos desafios que se constata na reflexão recente sobre Jesus Cristo elencados nas obras principais sobre o tema. As suas indicações podem ser compendiadas em dois tópicos: a proposta de uma cristologia espiritual e o convite a uma interpretação bíblica mais ampla e menos ideologizada, que considere os limites do método histórico-crítico e que não se baseie em dicotomias, em prejuízo para a fé e o anúncio da Verdade. As ideias de Ratzinger são fundamentais para compreender as dificuldades que se encontram não só no campo da especulação teológica, mas também na dimensão vivencial do cristianismo e do anúncio do evangelho nos nossos dias.

Palavras-chave: Cristologia. Jesus de Nazaré. Introdução ao Cristianismo. Dogma. Anúncio.

Abstract: After presenting the essential elements of the problem of contemporary Christology, from the perspective of the german theologian, this essay discusses his proposal to the challenges that can be seen in the recent reflection on Jesus Christ listed in the main works in this theme. Its indications can be divided into two topics: the proposal of a spiritual christology and the invitation to a broader and less ideological biblical interpretation, which considers the limits of the historical-critical method and which is not based on dichotomies, to the detriment of the faith and the proclamation of the Truth. Ratzinger's ideas are fundamental to understand the difficulties that are encountered not only in the field of theological speculation, but also in the experiential dimension of Christianity and the gospel's proclamation of the current day.

Keywords: Christology. Jesus of Nazareth. Introduction to Christianity. Dogma. Preaching.

1. Introdução

Uma importante contribuição para a cristologia contemporânea é aquela oferecida por Joseph Aloisius Ratzinger (1927 -). O eminente professor de teologia, que foi arcebispo de Munique e escolhido por João Paulo II para ocupar a função de prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e que, por fim, foi escolhido pelos cardeais para o ministério petrino, considerou o contexto em que se encontrava a cristologia de seu período e soube fazer uma excelente análise de sua situação e, ao mesmo tempo, propor alguns caminhos para uma verdadeira renovação dos estudos sobre Jesus Cristo.

* Membro do clero da Diocese de Assis (SP) é licenciado em Filosofia e bacharel em Teologia pela Faculdade João Paulo II (FAJOPA) de Marília (SP) e mestrando em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Lateranense (Roma - Itália). E-mail: a.santana.cunha@hotmail.com

Existe um grande interesse, seja da parte dos teólogos acadêmicos, seja da dos leitores atraídos pela relevância de seu pensamento, em compreender o que Ratzinger tem a dizer a respeito dos mais diversos temas. Não seria diferente nesse tema que é fundamental. O grande número de publicações e edições de sua obra, bem como os estudos a respeito do seu pensamento, são nítidos reconhecimentos de sua autoridade intelectual e da relevância de suas ideias. Por isso, é oportuno dissertar sobre as linhas fundamentais de sua cristologia, que permitem não só examinar uma parte de sua teologia, mas também conhecer algumas das colunas e das vigas estruturais do monumental edifício de seu pensamento.

2. Os escritos de Ratzinger sobre a Cristologia

Seja como teólogo, seja como cardeal e, especialmente, como papa, Ratzinger dedicou uma considerável parte de seus escritos à pessoa de Jesus Cristo¹, de quem demonstra ser mais do que um grande conhecedor, mas um verdadeiro amigo. Quando professor, ensinou por vários anos a disciplina de Cristologia² e, nesse mesmo período, chegou a pensar em escrever uma obra cristológica³.

A *Introdução ao Cristianismo* (1968), um comentário aos artigos do Credo dos Apóstolos, que na verdade é “uma autêntica profissão de fé por parte do autor”⁴, foi “publicada em 1968 e se baseia nas conferências pronunciadas no ano anterior aos estudantes de todas as faculdades da Universidade de Tübingen”⁵. Nessa grande obra da teologia do século XX, o autor dedica uma parte ao tema da fé em Cristo, mas se podem colher considerações sobre Jesus ao longo de toda ela. Embora essa seja a obra mais importante desse período, na mesma época publicou vários outros escritos cristológicos⁶.

Quando prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, tratou desse assunto em várias conferências e artigos. Uma importante compilação de escritos desse período são

¹ A cristologia de Ratzinger é o assunto ao qual se dedicam vários estudiosos. (Cf. RICHI ALBERTI, 2011; VIDAL TALENS, 2009, p. 67-100; VIDAL TALENS, 2007; GORDO, 2007).

² Os alunos de seu curso de Cristologia confeccionaram um manuscrito recolhendo as lições de seu professor no inverno de 1966 a 1967 em Tübinga (Cf. BLANCO SARTO, 2011, p. 383, nota 1).

³ Cf. RATZINGER, 1972, p. 487-503, 487 nota.

⁴ CARREÑO, 2018, p. 54.

⁵ *Ibidem*, p. 09.

⁶ Estes escritos serão reunidos no tomo 2º do volume 6º das obras completas (Cf. HOPING, 2015, p. XVI-XVII).

as obras *Olhar o transpassado*⁷ (1985) e *Jesus Cristo, hoje*⁸. Após a sua eleição pontifícia, é evidente, em muitas homilias e discursos⁹ falou sobre Nosso Senhor, mas a sua publicação principal desse período é a trilogia de grande sucesso *Jesus de Nazaré* (2007-2012)¹⁰, uma das obras cristológicas mais importantes de nossos dias. Segundo o Cardeal Kurt Koch, *Jesus de Nazaré* não é uma biografia de Cristo, mas é a exposição de um retrato teológico¹¹.

Essa sua grande obra cristológica, além de ser um dos mais importantes escritos teológicos dos últimos anos, é “um testemunho vivo do modo como o autor vê a figura de Jesus Cristo”¹². Esse aspecto é fundamental para compreender que esses livros possuem uma tripla dimensão: pastoral, apostólica e espiritual¹³. E tais aspectos não se opõem, “pois, desde sempre, o teólogo que a compôs concebeu a sua atividade intelectual como um serviço à fé cristã, para a tornar mais acessível aos homens no contexto atual em que eles vivem”¹⁴. Tal missão do teólogo, pensada por Ratzinger, baseia-se na figura de Santo Agostinho, como registrou em sua tese sobre o bispo de Hipona¹⁵.

Bento XVI fez questão de publicar essa trilogia com seu nome civil, para deixar claro que não se tratava de um ato magisterial, mas sim de uma busca pessoal do “rosto do Senhor” (Sal 27, 8). Sua proposta não é apresentar um manual de cristologia: sua intenção é apresentar os mistérios da vida de Cristo. Isso nos leva a considerar que “existe uma certa proximidade entre o livro sobre Jesus e o tratado teológico dos mistérios da vida de Jesus, a que Tomás de Aquino deu forma clássica em sua *Suma teológica*”^{16,17}.

As Obras Completas de Ratzinger, obras que ainda estão sendo publicadas, reservam dois tomos para os seus escritos cristológicos. O primeiro tomo do volume VI é composto pela trilogia *Jesus de Nazaré*, e o segundo apresenta os vários outros escritos que tratam desse mesmo tema¹⁸. É evidente que não só essas obras apresentam os seus

⁷ RATZINGER, 2007.

⁸ RATZINGER, 2005, p. 30-36.

⁹ Merece destaque as catequeses sobre “A oração de Jesus” que o Papa Bento XVI pronunciou entre 30 de novembro de 2011 e 7 de março de 2012.

¹⁰ Dedicou-se muitos congressos e obras organizadas para a reflexão sobre estes escritos. (Cf. PIERLUCA, 2012; TAGLIAFERRI, 2011).

¹¹ Cf. KOCH, 2012.

¹² GALVÃO, 2010, p. 13.

¹³ Cf. COVOLO; MASCIARELLI, 2011.

¹⁴ GALVÃO, 2010, p. 13.

¹⁵ Cf. RATZINGER, 1992, p. XV.

¹⁶ Cf. TOMÁS DE AQUINO, S. Th. III, q. 27-59.

¹⁷ HOPING, 2015, p. XV.

¹⁸ O volume VI é dividido em dois tomos, no primeiro está a Parte A - *Jesus de Nazaré*, no segundo estão as demais partes: Parte B - *Olhar aquele que transpassaram*: o mistério pascal de Cristo; Parte C - *Messias*

argumentos cristológicos. Como a “sua teologia cobre todos os campos do saber teológico [e] todas as sessões de uma biblioteca de teologia têm algum livro seu”¹⁹, e em todos ele fala de Jesus Cristo, a sua perspectiva interdisciplinar de teologia permite dizer que a sua cristologia se encontra em todas as páginas que escreveu, nos mais diversos temas e assuntos de que tratou. A sua cristologia, por exemplo, está implícita também nas suas ricas e belas homilias, pois, para Ratzinger, disse o Cardeal Müller,

[...] o anúncio e a interpretação da mensagem dos evangelhos não são para ele um elemento adicional junto à penetração científica nos conteúdos da fé, mas sim, expressão de sua forma de entender a teologia; a qual está ao serviço da palavra de Deus e se orienta para a Igreja como portadora do anúncio²⁰.

Na obra *Caminhos de Jesus* (2004)²¹ fica evidente a convicção de Ratzinger de que existem três limites na cristologia contemporânea: o reducionismo cristológico, em que Jesus é só um modelo de humanidade que não exige nada e não muda nada; a tendência de negar o sobrenatural na história, que leva a uma interpretação dita “científica” de Jesus que geralmente se fundamentam numa visão ideológica; e, por fim, uma percepção que se traveste de interpretação histórica, mas que na realidade, ao pesquisar as palavras ou atos ditos “autênticos” de Jesus, estipula pressupostos entre os quais o de que Jesus não pode ser Filho de Deus e o consideram apenas a partir de conceitos filosóficos.

Em sua apresentação de ‘Caminhos de Jesus’ em Ratisbona, em 16 de janeiro de 2004, Ratzinger indicou que o debate teológico atual tende a centrar-se em dois temas principais: o desafio colocado à fé cristã pelo relativismo e, em particular, pela presença de outras religiões, e a questão de quem é realmente Jesus Cristo. Este último é o tema central dos diversos artigos contidos no livro, que Ratzinger vê como um passo preparatório para uma obra sobre Jesus, na qual pretende apresentar o Jesus da Bíblia como uma figura coerente, como o autêntico Jesus histórico. Que não só é histórico, mas também contemporâneo conosco²².

e Filho de Deus: o mistério da pessoa de Jesus; Parte D - Salvação, redenção, libertação: temas da soteriologia; Parte E - Recensões, prólogos e introduções; e, Parte F - Homilias, meditações e catequeses.

¹⁹ BLANCO SARTO, 2011, p. 11.

²⁰ MÜLLER, 2015, p. XII-XIII.

²¹ Cf. RATZINGER, 2005.

²² CARREÑO, 2018, p. 86.

Tendo, pois, apresentado a visão de Ratzinger a respeito do contexto teológico sobre o mistério de Jesus, é necessário dizer que sua cristologia pode ser apreciada sob diversos prismas, como por exemplo, a partir da análise individual de suas obras, ou então levando em conta o aspecto cronológico, ou seja, das etapas de sua vida, desde a atividade de docência universitária, passando pelo ofício de prefeito da Doutrina da Fé e, por fim, no papado. A opção deste artigo é por uma terceira possibilidade: propõe-se apresentar a temática cristológica de Ratzinger levando em conta duas importantes propostas do autor para a renovação dos estudos teológicos sobre a pessoa de Jesus Cristo: uma cristologia espiritual e uma nova exegese canônica.

3. Cristologia espiritual

Antes de dissertar sobre esta primeira proposta, a de uma cristologia espiritual, é importante reafirmar um pressuposto importante do pensamento de Ratzinger. Em sua reflexão está implícito o desejo de ajudar os teólogos a conciliar alguns temas que foram fragmentados na teologia, especialmente nos períodos moderno e contemporâneo. Nortz diz que

[...] se fosse necessário encontrar um título para Ratzinger como teólogo, o título “Doutor da Conciliação” seria muito apropriado. Esta é uma qualidade encontrada nas obras do Cardeal Ratzinger, em geral, e na “*Introdução ao Cristianismo*”, em particular. No que diz respeito à Cristologia, Ratzinger busca conciliar: o Jesus da história com o Cristo da fé; o ser em Cristo com o agir em Cristo; a humanidade com a divindade; a teologia da encarnação com a teologia da cruz; o Logos com o Ágape²³.

Esse desejo de reconciliação, de unidade, inicia-se dentro da própria teologia. Num breve ensaio intitulado *O que significa Jesus Cristo para mim?* (1973), Ratzinger recorda a profunda ligação que há entre a teologia trinitária e a cristologia, pois através do Filho somos introduzidos na Trindade pelo mistério pascal. E tal conexão há também

²³ NORTZ, 2015, p. 02.

entre a cristologia, a eclesiologia e a sacramentária, já que só conhecemos Jesus através da fé da Igreja, da oração²⁴ e dos sacramentos²⁵, especialmente no da Eucaristia²⁶.

Nesse mesmo opúsculo, o nosso autor remete ao Concílio de Calcedônia (451)²⁷, por sua importante interpretação teológica de Jesus, simples e ao mesmo tempo sublime: Ele é consubstancial a Deus e é consubstancial aos homens²⁸. Em Calcedônia os padres conciliares afirmaram solenemente que “Cristo possui duas naturezas, uma divina e outra humana, as quais, sem confusão ou mudança (contra o monofisismo) e sem divisão ou separação (contra Nestório), estão unidas em uma só pessoa ou hipóstase”²⁹. E a conclusão dessa definição é evidente: Jesus Cristo “não é composto por duas pessoas, mas é um só e o mesmo Filho Unigênito, Verbo de Deus, consubstancial ao Pai e ao mesmo tempo consubstancial a nós, pessoas”³⁰.

É muito importante, segundo Ratzinger, diante da atual crise teológica e na transmissão da fé, retomar aquele concílio, pois tal enfatiza o duplo aspecto de Jesus, divino e humano, e que parece ser esquecido por muitos teólogos. Nesse sentido, ele critica as linhas de pensamento que apresentam como verdadeiro somente o Jesus histórico, pois isso é insuficiente e falacioso. Da mesma forma, ele desaprova aqueles que anunciam um Cristo que aparentemente não assumiu verdadeiramente um corpo humano, e que se radicaliza na defesa da sua divindade, a tal ponto de parecer que a dimensão humana é absorvida pela divina, comprometendo assim a doutrina soteriológica, como explicaram os Padres da Igreja que combateram as heresias que possuíam esse tipo de visão³¹.

Esses elementos, a unidade da fragmentação teológica e também a consideração das definições dogmáticas, fundamentam a elaboração da sua cristologia espiritual³², que parte da comunhão de Jesus, o Filho, com o Pai, e tal relação revela a sua verdadeira

²⁴ Sobre a oração de Jesus (cf. URÍBARRI BILBAO, 2016, p. 363-390).

²⁵ Müller (2015, p. 531), na *Dogmática Católica*, recorda, por exemplo, a ideia defendida por Ratzinger de que o poder espiritual do sacramento da ordem não é apenas uma questão de ministério ou jurisdição canônica, mas “uma representação pública da fonte cristológica, designada pela Igreja, de toda a realidade salvífica”.

²⁶ Cf. CARREÑO, 2018, p. 32-37.

²⁷ DENZINGER; HÜNERMANN, 2015, n. 148.

²⁸ DENZINGER; HÜNERMANN, 2015, n. 301-302.

²⁹ DE ARMELLADA, 2003, p. 87.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ cf. CARREÑO, 2018, p. 44-45.

³² Cf. GARCÍA, 2008.

personalidade³³. Além desses, um outro importante aspecto dentro dessa cristologia espiritual, é seu caráter *existencial*.

Conhecer Jesus de Nazaré não é tomar contato com uma figura do passado simplesmente, mas é encontrar-se com uma pessoa viva, que não pode ser conhecida de verdade apenas por teorias e ideias, mas através de uma experiência vital. E como a “pessoa de Jesus é sua doutrina, e a sua doutrina é ele próprio. Por causa disso, a fé cristã, isto é, a fé em Jesus como o Cristo, é realmente ‘fé pessoal’”³⁴.

Para Ratzinger, o cristianismo não é um sistema de ideias, uma corrente filosófica ou um código de conduta ética e moral. Em seu centro está uma pessoa, o nazareno, que responde às perguntas mais importantes de nossa vida e dá sentido à existência humana. Ao apresentar a edição americana da obra *O Senhor*, de Romano Guardini (1984), Ratzinger afirma que

[...] como nos ensina Guardini, a essência do cristianismo não é uma ideia, não é um sistema de pensamento, não é um plano de ação. A essência do cristianismo é uma Pessoa: Jesus Cristo mesmo. O essencial é o que é essencial. Converter-se em verdadeiros meios para chegar a conhecer Jesus Cristo e aprender dele o que significa ser humano³⁵.

A mesma ideia encontra-se em muitos discursos do Papa Bento XVI, mas foi particularmente retomada na sua primeira encíclica, *Deus Caritas Est* (2005), em que declarou: “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo.”³⁶.

Esse mesmo tema está presente especialmente na obra *Dogma e Anúncio*³⁷ (1973), na qual há uma pergunta fundamental para Ratzinger: o “que significa Jesus Cristo para mim?”³⁸. E, ao contemplar Jesus de Nazaré, pode-se conhecer a Deus e, ao mesmo tempo, descobrir o que é o homem³⁹. Nesse sentido, faz-se importante considerar a experiência pessoal com a pessoa de Jesus⁴⁰, que não se baseia em especulações filosóficas ou

³³ Segundo Carreño (2018, p. 87). esta proposta está em plena consonância com o método que ele apresentou num congresso de cristologia organizado pelo CELAM do qual se publicou uma coleção de ensaios “Una aproximación a una cristología espiritual”.

³⁴ RATZINGER, 1970, p. 162.

³⁵ RATZINGER, 1984.

³⁶ BENTO XVI, 2006a, n. 1.

³⁷ RATZINGER, 2007.

³⁸ Ibidem. p.119.

³⁹ COMPÊNDIO DO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n. 22.

⁴⁰ BENTO XVI, 2006a, n. 1.

literárias, mas numa sólida fé anunciada pela Igreja. Tal experiência com Jesus se dá particularmente pela mediação da Igreja, na oração e nos sacramentos, especialmente a Eucaristia, que é a expressão pessoal e direta de Nosso Senhor⁴¹.

Nessa obra, Ratzinger recorda-se de um importante livro de ascética, a *Imitação de Cristo*, do século XV, atribuído a Tomás de Kempis, e coloca-nos diante do questionamento sobre a possibilidade de imitar Jesus nos nossos dias⁴². A sua ideia é que “O núcleo da imitação de Cristo é a total transformação do discípulo n’Ele”⁴³, de tal forma que o homem esteja unido a Deus⁴⁴. E esse aspecto do discipulado é imprescindível quando se fala da cristologia em sua dimensão existencial.

Numa conferência, que lotou o auditório da Academia Bávara Católica, no dia 4 de junho de 1970, Ratzinger expôs o seguinte tema: *Por que ainda estou na Igreja*⁴⁵. Em tal ocasião, recordou a essencial relação que existe entre Cristo e a Igreja, pois é nela que, “apesar de todas as debilidades humanas das pessoas nela, nos dá a Jesus Cristo, e só através dela podemos recebê-lo como uma realidade vivente e autorizada”⁴⁶. Daí fica claro que a fé em Cristo não é um ato isolado, apenas individual, como pode parecer ao falar de uma experiência pessoal, mas tem uma natureza que implica uma relação comunitária e eclesial.

É através da Igreja que Jesus permanece vivo apesar das distâncias da história, que nos fala hoje, está conosco como mestre e Senhor, como nosso irmão que nos une a todos como irmãos. E porque a Igreja, e só ela, nos dá a Jesus Cristo, o faz estar vivo e presente no mundo, e dá à luz de novo a todas as idades na fé e na oração das pessoas, ela dá à humanidade uma luz, um apoio e um estandarte sem o qual a humanidade seria inimaginável. Qualquer um que queira encontrar a presença de Jesus Cristo na humanidade não pode encontrá-lo contrário à Igreja, mas só nela.⁴⁷

Um outro aspecto dessa cristologia, que se soma aos anteriores, é o da *oração*. Não é de se estranhar que, tendo afirmado a relação inseparável entre a Igreja e Cristo, embora estejam cada qual em níveis diferentes, agora nos ensine que Jesus “deve estar no

⁴¹ Cf. RATZINGER, 2007, p. 122.

⁴² Ibidem, p. 123.

⁴³ FONTES, 2018, p. 352.

⁴⁴ Cf. RATZINGER, 2007, p. 126-127.

⁴⁵ Cf. RATZINGER, 2012.

⁴⁶ Ibidem, p. 146.

⁴⁷ Ibidem, p. 147.

coração da proclamação e oração da Igreja”⁴⁸. Por isso, o cristocentrismo de Ratzinger sustenta também a importância da oração, como ocasião da relação pessoal com o Cristo vivo, que se dá de forma individual e eclesial, e que estabelece uma unidade vital entre fé, oração e a liturgia da Igreja.

Por fim, é importante considerar um outro aspecto, não menos importante, na cristologia de Ratzinger, que é o *anúncio* de Jesus Cristo, que ocupa boa parte da preocupação do teólogo e também do papa, principalmente com os seus estímulos à uma nova evangelização⁴⁹. E, sobre isso, emerge um tema muito caro ao teólogo, o tema da unicidade salvífica de Cristo⁵⁰.

Ratzinger recorda como consequência [das definições cristológicas dos concílios] a centralidade da figura salvífica de Cristo, na qual há que reafirmar seu caráter único de mediador na salvação. Só ele salva, porque é também Deus; senão, não poderia salvar nem divinizar. Ele não é simplesmente um profeta ou um gênio religioso como poderia ser Buda, Confúcio, ou Maomé, nem um avatar a mais das divindades como Krisná: é o Filho de Deus, feito homem ‘por nós’ e ‘para a nossa salvação’, como confessa o credo. Jesus de Nazaré terá uma ‘singularidade e unicidade irrepetível’, e só ele pode ser mediador e redentor. Com essas premissas, a busca do rosto de Cristo culmina na última obra teológica do atual Bento XVI⁵¹.

Resumindo o caminho percorrido na explicação da cristologia espiritual e seus alcances na teologia de Ratzinger, conclui-se que, a sua proposta é de uma verdadeira “ênfase na estreita conexão, respeitando as distinções, entre reflexão teológica, as Escrituras, a pregação, a oração, a participação na liturgia e na vida sacramental da Igreja e a existência cristã, que se baseia na fé, na esperança e no amor, e tem a comunidade eclesial como seu contexto vivo”⁵². Por isso, a pregação da Igreja é cristocêntrica e também trinitária, pois é a explicação do caminho da vida cristã por meio de Cristo no Espírito Santo ao Pai.

⁴⁸ CARREÑO, 2018, p. 44.

⁴⁹ Tal tema foi tratado na XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, com o tema *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã* em 2012.

⁵⁰ É importante recordar a Declaração *Dominus Iesus* (2020) publicada no período em que foi prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 2009).

⁵¹ BLANCO SARTO, 2012, p. 276-275.

⁵² CARREÑO, 2018, p. 53.

4. Exegese canônica

A renovação da interpretação bíblica é uma outra dimensão que muito preocupou o teólogo Ratzinger e o Papa Bento XVI. Essa dificuldade ele apresenta nas páginas iniciais do primeiro volume publicado da trilogia *Jesus de Nazaré: o modo como aproximar-se do Jesus real, aquele que viveu em Nazaré, morreu e ressuscitou*.

Com o desenvolvimento das ciências históricas, houve a tendência de distinguir o Jesus histórico do Cristo da fé. O método histórico crítico, que é uma marca da exegese contemporânea, é importante e necessário, mas possui seus limites⁵³. “A ideia fundamental é que não basta a crítica histórica, nem também os outros métodos do domínio da linguística que ultimamente se lhe têm juntado, para obter o conhecimento do Jesus que realmente existiu”⁵⁴. Tal crítica também se ouviu de outros teólogos⁵⁵.

Aqui se compreende o processo de “conciliação” a que se propõe Ratzinger. A forma como se apresenta o *Jesus histórico e Cristo da fé*, de acordo com os critérios radicais do método histórico-crítico, faz parecer que se está diante de duas pessoas diferentes: uma real e outra inventada. Essa divisão é ilusória e estimula a tentação de abandonar a fé e confiar apenas em pressupostos ditos históricos. Por isso,

[...] para Ratzinger, não cabem tais dicotomias, mas que devem ser consideradas com uma visão ampla e profunda do mistério do Filho de Deus feito homem. Neste sentido, tampouco teriam razão de ser as oposições entre Cristo e o Espírito [...] [ou] entre Cristo e a Igreja. No entanto, a dialética mais conhecida se encontrará entre Cristo e Jesus, entre o Cristo da fé e o Jesus da história (Bultmann)⁵⁶.

De um lado está Harnack, que idealiza a história e a leva para fora do mundo existencial⁵⁷, e do outro, Bultmann, que idealiza a fé e a coloca fora do mundo existencial⁵⁸. Aparentemente tem-se que optar entre um ou outro. A proposta de Ratzinger é resolver essa dicotomia com o próprio Símbolo da fé, no qual, “o ‘Cristo da fé’, o Cristo

⁵³ Nota-se este reconhecimento na Encíclica *Divino Afflante Spiritu* (1943) de Pio XII, como também na Constituição Dogmática *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II. Esta mesma tese pode ser afirmada analisando as os documentos publicados pela Pontifícia Comissão Bíblica: *A interpretação da Bíblia na Igreja* (1993) e *O povo judaico e a sua sagrada Escritura na Bíblia cristã* (2001). Esses três últimos documentos, sem dúvida, guiaram a metodologia de Ratzinger na obra *Jesus de Nazaré*.

⁵⁴ GALVÃO, 2010, p. 15.

⁵⁵ Gustavo Gutiérrez, por exemplo, disse que o método histórico-crítico tem o risco de um clube exclusivo sequestrar as Escrituras (cf. GUTIÉRREZ, 1982, p. 14).

⁵⁶ BLANCO SARTO, 2012, p. 276.

⁵⁷ cf. RATZINGER, 1970, p. 157.

⁵⁸ cf. *Ibidem*, p. 158.

em que cremos, é o ‘Jesus da história’, que foi concebido e nascido, sofreu e morreu, ressuscitou e ascendeu aos céus.”⁵⁹.

Ratzinger recorda uma e outra vez tal condição divina de Jesus Cristo, até o ponto de convertê-lo no objetivo principal de sua obra. No momento atual em que cristologias e jesuologias não acabam de encontrar uma solução ao problema de Jesus, Ratzinger propõe recordar a divindade de Jesus Cristo como um elemento central da proposta cristã, seja esta de qualquer confissão que seja⁶⁰.

Neste sentido, é necessário também *conciliar o ser ao agir de Jesus*. Por isso, não se pode separar Jesus e seu “cargo”. Em Nosso Senhor “a pessoa é o cargo, e o cargo é a pessoa. Ambos são inseparáveis”⁶¹. Tanto é verdade que o Símbolo Apostólico não é um resumo dos ensinamentos de Nosso Senhor, mas um ato de fé em sua pessoa.

A fé cristológica dos primeiros séculos havia confessado que Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Esta identidade na pessoa (divina) de Jesus Cristo servirá de pedra-angular para articular todas estas perspectivas teológicas, da qual a divindade do Filho constitui seu próprio fundamento⁶².

Ratzinger concorda com Karl Barth de que os detalhes da vida de Jesus, ou seja, o que fez e o que sentiu, revelam a sua Pessoa, e tudo o que se fala dele está ligado à sua missão divina. Por isso, “a existência inteira de Jesus é função do ‘para nós’, mas – por isto mesmo – a função é sua existência”⁶³. Esta expressão “para nós” é um conceito chave da cristologia de Ratzinger. Ele recorda que “No principal dos sacramentos cristãos, que forma o centro da liturgia, declara-se a existência de Jesus Cristo, como existência ‘para muitos’ e ‘para vós’, como existência aberta que cria e possibilita a comunicação de todos entre si pela comunicação nele”⁶⁴.

Tendo considerado a proposta de superação dessas fragmentações, ganha sentido a indicação de leitura das Sagradas Páginas proposta por Ratzinger, que será chamada de *exegese canônica*, ou também chamada de *exegese integral*, que é “a interpretação, o comentário e a explicação do texto bíblico não só em nível técnico-científico, mas

⁵⁹ NORTZ, 2015, p. 03.

⁶⁰ BLANCO SARTO, 2012, p. 276.

⁶¹ RATZINGER, 1970, p. 161.

⁶² BLANCO SARTO, 2012, p. 276.

⁶³ RATZINGER, 1970, p. 162.

⁶⁴ Ibidem, p. 206.

também em nível teológico”⁶⁵. E é nesse ponto que esta segunda proposta se une à primeira:

A visão integradora de Ratzinger está presente neste ponto. Sobre a figura de Cristo, propõem uma ‘cristologia espiritual’, na qual une ontologia e soteriologia, teologia da cruz e da encarnação, cristologia, pneumatologia e eclesiologia. Não podemos separar - na pessoa de Jesus Cristo - seu ser de sua missão: o que é verdadeiro Deus é verdadeiro homem, se encarnou, foi morto e ressuscitado para salvar-nos e libertar-nos do pecado⁶⁶.

Occhipinti afirma que os princípios gerais dessa exegese são apresentados pelo Concílio Vaticano II na Constituição Dogmática *Dei Verbum*⁶⁷, na qual se considera que Deus falou aos homens, por meio de homens e de maneira humana, o que implica a necessidade das ciências que buscam: reconstruir o texto fidedigno, através da *crítica textual*; que analisa os critérios linguísticos, culturais e religiosos, pela *crítica literária*; e que, por fim, também considere o valor histórico, pela *crítica histórica*.

Ao mesmo tempo, o documento conciliar lembra que as Escrituras devem ser lidas e interpretadas com o auxílio de quem é seu verdadeiro autor, o Espírito Santo. Esse trabalho é confiado aos teólogos, que devem se orientar por três princípios.

O primeiro é “a atenção ao conteúdo e à unidade da Escritura em sua totalidade”⁶⁸, sabendo que Jesus Cristo dá não só unidade, mas também sentido aos dois Testamentos. O segundo acento é não desprezar a “importância da tradição viva da Igreja, que se traduz na interpretação da Escritura à luz dos grandes exegetas do passado, os Padres da Igreja, tanto orientais quanto ocidentais”⁶⁹, além do *sensus fidei*, que se é conservado especialmente na liturgia, e também a importância da interpretação do Magistério da Igreja. O terceiro e último critério é o apoio da analogia da fé, que é “tomar no devido apreço a harmonia existente entre todas as afirmações da fé católica”⁷⁰.

Foi seguindo esses critérios que Ratzinger escreveu *Jesus de Nazaré*. É por isso que quando ele apresentar as passagens evangélicas, “não o faz em absoluto de forma acrítica, mas prestando atenção aos resultados da moderna investigação bíblica

⁶⁵ OCCHIPINTI, 2003, p. 278.

⁶⁶ BLANCO SARTO, 2012, p. 275.

⁶⁷ COMPÊNDIO DO VATICANO II, *Dei Verbum*, n. 12.

⁶⁸ OCCHIPINTI, 2003, p. 278.

⁶⁹ *Ibidem*.

⁷⁰ *Ibidem*.

histórica”⁷¹, seguindo o parâmetro dado pela *Dei Verbum* sobre “historicidade dos evangelhos”⁷². Em suas palavras:

Eu tentei simplesmente, indo além da básica explicação histórico-crítica, aplicar os novos conhecimentos metodológicos, que nos permitem uma interpretação da Bíblia autenticamente teológica, bem como interpelar a fé, mas sem querer nem poder abandonar a seriedade histórica⁷³.

No início do novo milênio, Ratzinger, ao escrever um prefácio atualizado para a nova edição da *Introdução ao Cristianismo*, disse: “nutro a firme convicção de que uma renovação da cristologia precisa ter a coragem de ver Cristo em toda a sua grandeza, como o mostram os quatro evangelhos juntos em sua unidade tensa”⁷⁴.

Para isso, é necessário superar o distanciamento entre o Jesus histórico e o Cristo da fé, o que só se consegue defendendo “o *homousios* e a divindade de Jesus Cristo definidos em Niceia (325) e III Constantinopla (68-681). A cristologia calcedoniana apresenta também aqui uma importância decisiva, com a defesa da unidade de substância ou pessoa e a distinção de naturezas”⁷⁵. Esse aspecto da Tradição, também fonte da divina revelação, é fundamental para compreender a outra fonte, as Sagradas Escrituras.

Toda tradição e investigação bíblica, acerca da busca por um Jesus histórico, deve ser lida de maneira conjugada, a fim de se chegar a um perfil correto de Jesus Cristo. Com isso, tal pesquisa, sempre iluminada pelo Dogma de Calcedônia (Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem), possibilitará chegar à mesma conclusão que ele, o autor, chegou, de que o Jesus dos Evangelhos é o mesmo Jesus histórico⁷⁶.

Essa mesma ideia o Papa Bento XVI expressou várias vezes durante o seu pontificado⁷⁷. Num importante discurso aos bispos da Suíça⁷⁸, reconheceu os progressos da exegese, principalmente sobre o desenvolvimento dos textos e das fontes, bem como o significado das palavras em seu contexto vital, mas, alertava ele, só isso não basta, pois

⁷¹ HOPING, 2015, p. XV.

⁷² COMPÊNDIO DO VATICANO II, *Dei Verbum*, 19.

⁷³ RATZINGER, 2020, p. 18-19.

⁷⁴ RATZINGER, 2005, p. 23.

⁷⁵ BLANCO SARTO, 2012, p. 276.

⁷⁶ FONTES, 2018, p. 351.

⁷⁷ Cf. BENTO XVI, 2011.

⁷⁸ BENTO XVI, 2006b.

uma exegese “apenas histórico-crítica, remete a palavra para o passado, torna-a uma palavra daquele tempo, uma palavra que, no fundo, não nos diz nada”⁷⁹.

E, por isso, o pontífice recorda a proposta do Concílio Vaticano II, de uma leitura bíblica que considera a Sagrada Escritura em seu aspecto integral, pois “estes escritos são uma única Escritura, só compreensíveis profundamente se forem lidos na *analogia fidei* como unidade na qual há um progresso para Cristo e, inversamente, Cristo atrai para si toda a história; e se, por outro lado, isto tiver a sua vitalidade na fé da Igreja”⁸⁰.

No final daquele importante discurso, em que se percebe a preocupação de teólogo que se une à angústia do coração de pastor, preocupado com seu rebanho, disse o Papa Bento XVI (2006b):

Por outras palavras, é meu grande desejo que os teólogos aprendam a ler e a amar a Escritura do modo como, segundo a *Dei Verbum*, o Concílio quis: que vejam a unidade interior da Escritura uma coisa hoje ajudada pela "exegese canônica" (que sem dúvida ainda se encontra num tímido estádio inicial) e que depois façamos dela uma leitura espiritual, que não é algo exterior, de carácter edificante, mas ao contrário, um imergir-se interiormente na presença da Palavra.

Parece-me uma tarefa muito importante fazer algo neste sentido, contribuir para que, paralelamente à exegese histórico-científica seja feita deveras uma introdução à Escritura viva, como Palavra de Deus actual. Não sei como concretizar isto, mas penso que, quer no âmbito académico, quer no seminário, quer num curso de introdução, se possam encontrar professores adequados, para que aconteça este encontro actual com a Escritura na fé da Igreja um encontro com base no qual depois se torna possível o anúncio.

A partir dessa base metodológica, o autor nos insere no conhecimento de Jesus Cristo, considerando não só o Novo, mas também o Antigo Testamento, no qual as tradições profética e messiânica são fundamentais. E, além disso, ao ler as Escrituras, o fiel deve ter sempre claro a origem divina de Jesus, de que Ele é o Filho de Deus, anunciado pelos profetas, mas que em muito superou as expectativas. É por isso que, para Ratzinger,

A partir deste ponto, podemos então compreender realmente a figura de Jesus, tal como a encontramos no Novo Testamento, tudo o que nos é contado em palavras, ações, sofrimentos, na glória; tudo isso está ancorado aqui. Se omitirmos este autêntico centro, passamos ao lado da

⁷⁹ Ibidem.

⁸⁰ Ibidem.

figura autêntica de Jesus; então ela se torna contraditória e, em última análise, incompreensível⁸¹.

Por isso é necessário reafirmar que “só há uma maneira possível de interpretar corretamente a figura histórica de Jesus, a que o vê como aquele que se apresentou claramente como Filho de Deus”⁸². E é para selar esta unidade, de um único Jesus, que é o homem de Nazaré e a encarnação de Deus, que o autor escolheu para a trilogia o título *Jesus de Nazaré*, pois para alguns teólogos esse apelativo diz respeito apenas ao Jesus histórico, mas que para Ratzinger de forma alguma se opõem ao Cristo da fé.

Desta forma, “o Jesus histórico e o Cristo da fé não se deixam separar. A unidade da Escritura também se torna acessível somente a partir do Cristo da fé, e uma ‘hermenêutica cristológica’ da Escritura sempre pressupõe ‘decisão de fé’”⁸³. E tal relação se deu desde o início, já na redação dos escritos sagrados, pois

[...] a fé, como resposta a essa revelação [fatos narrados nos evangelhos], não é assim algo que se junte posteriormente à narração dos fatos; pelo contrário, é essa fé que antecede a narração enquanto sua motivação decisiva. Não é possível, por conseguinte, separar uma da outra e prescindir da primeira, da visão de fé⁸⁴.

Portanto, uma verdadeira exegese das Sagradas Escrituras, segundo Ratzinger, não pode se esquecer das necessárias análises histórica, textual e literária, mas ao mesmo tempo deve considerar a unidade e a continuidade dos Testamentos, ouvir a interpretação patrística, que é um patrimônio vivo da Tradição da Igreja, e, por fim, não se esquecer da analogia da fé, própria do ato de crer, e da escuta filial da interpretação do magistério eclesial. Tal exegese levará ao verdadeiro conhecimento do Cristo, Deus e homem, o Jesus de Nazaré.

5. Considerações finais

Após este percurso, considerando a cristologia de Ratzinger, chega-se à conclusão de que a sua proposta é de uma visão interdisciplinar do mistério de Cristo, ou seja,

⁸¹ RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: do batismo no Jordão à transfiguração*. 3ª ed. São Paulo: Planeta, 2020, p. 25.

⁸² GALVÃO, 2010, p. 18.

⁸³ HOPING, 2015, p. XVI.

⁸⁴ GALVÃO, 2010, p. 21.

apresenta uma cristologia ao mesmo tempo bíblica, litúrgica, soteriológica e pneumática⁸⁵. Tal estudo de Cristo precisa ser uma “cristologia espiritual”, pela qual “se entende uma cristologia que parte da oração de Jesus e da oração da Igreja”⁸⁶ e necessita de uma revisão da interpretação bíblica que dissocia o Cristo da fé do Jesus histórico. De fato, ambos os temas estão unidos, pois é “a partir da revisão do método histórico-crítico, [que] o teólogo alemão propõe uma ‘cristologia espiritual - crítica e crente’”⁸⁷.

Semelhante aos Padres da Igreja, em cujos textos se equilibra o sentido especulativo da reflexão teológica e a reverência diante do mistério, assim são os textos de Ratzinger. Os seus escritos apresentam as considerações não de um curioso no assunto, mas de um intelectual que reza e sabe unir a sua vida de oração com os seus estudos, de tal modo a deixar transparecer em suas palavras a sensibilidade de um homem profundamente tocado pela experiência com Jesus Cristo.

Por isso a sua cristologia não é fruto de uma simples especulação teórica, mas se apresenta como uma resposta aos homens de hoje e às suas necessidades. O teólogo da Baviera se coloca no contexto do secularismo doentio em que vive a nossa sociedade e numa atitude de nova evangelização, expondo aos homens simples e aos intelectuais, as razões pelas quais encontram em Jesus Cristo a melhor resposta para as indagações do nosso tempo.

Além das características pontuadas, que perpassam os diversos momentos e etapas do seu trabalho teológico, uma linha constante nos seus escritos é a sua dedicação em mostrar a transdisciplinaridade da teologia, sabendo conjugar não só os tratados de dogmática entre si, mas também sabendo unir aos dados da fé cristológica os seus aspectos bíblico, sacramental, litúrgico e moral. Não é sem motivo que suas obras alcançam tantos leitores que se sentem atraídos para ouvir a voz de um grande intelectual, de uma sabedoria extraordinária, que fala de Jesus de modo encantador.

Ao propor-nos uma nova forma de fazer cristologia, livre de preconceitos que se demonstraram prejudiciais e ineficazes para a teologia, sua obra é um grande incentivo para uma cristologia ampla e confiável. Dessa forma, ele apresenta o remédio para os equívocos da cristologia de nosso tempo: uma visão de Jesus que se esquece de sua dimensão divina; uma perspectiva aparentemente científica da história, que exclui toda a possibilidade de eventos sobrenaturais como curas e milagres; e uma catalogação

⁸⁵ MADRIGAL, 2009, p. 67-97.

⁸⁶ HOPING, 2015, p.XVII.

⁸⁷ BLANCO, 2010, p. 806.

arbitrária das ações e palavras de Jesus - em confiáveis ou menos confiáveis - que gera uma interpretação equivocada do mistério de Cristo.

Em síntese, Ratzinger retoma aquela proposta que ficou muito evidente nos textos conciliares, que é a visão de teologia considerando o duplo significado dos acontecimentos, ou seja, histórico e salvífico. Foi a partir desta sadia conjunção que os apóstolos anunciaram o evento pascal e levaram tantos homens e mulheres à fé em Cristo. É falso que as primeiras comunidades pregavam Jesus Cristo a partir de uma invenção mitológica comunitária, fruto das suas dificuldades e frustrações políticas, econômicas, sociais ou religiosas de seu tempo. O que levou tantas pessoas à adesão à mensagem evangélica foi o anúncio apostólico do evento redentor do mistério pascal e a revelação do amor trinitário, dos quais foram testemunhas.

Referências

- BENTO XVI, Papa. *Discurso do Papa Bento XVI no encontro com os bispos da Suíça*. Vaticano, 7 de novembro de 2006b. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20061107_swiss-bishops.html>. Acesso em 24 de abril de 2021.
- _____. *Encíclica Deus Caritas Est*. São Paulo: Loyola, 2006a.
- _____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini: sobre a palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BLANCO SARTO, Pablo. *La teología de Joseph Ratzinger: una introducción*, Madrid: Ediciones Palabra, 2011
- _____. El pensamiento teológico de Joseph Ratzinger. In.: *Scripta Theologica*, Pamplona - España, v. 44, n. 2, p. 273-303, 2012.
- CARREÑO, William Darío Medina. *La Cristologia de Joseph Ratzinger: desde la introducción al cristianismo (1969) hasta Jesús de Nazaret (2012)*. Monografía de licenciatura en teología, Universidad Santo Tomás, Bogotá, 2018.
- CIOLA, Nicola. *Gesù Cristo Figlio di Dio: vicenda storica e sviluppi della tradizione ecclesiale*. Nouvi saggi teologici: series maior. Bologna: EDB, 2017.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Declaração Dominus Iesus: sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja*. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- COVOLO, Enrico dal, MASCIARELLI, Michele Giulio. *Il Gesù di papa Ratzinger*. Todi: Tau Editrice, 2011.
- DE ARMELLADA, B. *Verbete: Calcedônia*. LEXICON: dicionário teológico enciclopédico. São Paulo: Loyola, 2003, p. 87-88.
- DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Tradução de José Marino Luz, Johan Konings. 3. ed. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2015.

- FONTES, Douglas Alves. A cristologia existencial de Ratzinger. In.: *Revista Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 34, p. 349-356, jul./dez. 2018.
- GALVÃO, H. Noronha, A cristologia de Joseph Ratzinger. In.: *Didaskalia*, revista da Faculdade de Teologia/Lisboa, actualidade e debate do evento cristão: de Bento XVI ao texto Bíblico, Lisboa, v. XL, n. 1, p. 13-21, 2010.
- GARCÍA, Ciro. *El “Jesús de Nazaret” de Benedicto XVI: una propuesta de Lectura Espiritual*. Burgos: Monte Carmelo, 2008.
- GORDO, Jesús Martínez. La cristología de J., Ratzinger – Benedicto XVI a la luz de su biografía teológica. In.: *Lumen: Revista de síntesis y orientación de ciencias eclesísticas*, Burgos-Vitoria España, v. 56, n. 5-6, p. 35-62, 2007.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *La fuerza histórica de los pobres*. Salamanca: Sígueme, 1982.
- HOPING, Helmut. Contribuciones de Joseph Ratzinger a la cristología. In.: RATZINGER, Joseph. *Obras completas VI/1: Jesús de Nazaret, Escritos de cristología*. Madrid: BAC, 2015.
- KOCH, Kurt. *Il mistero del granello di senape: Fondamenti del pensiero teologico di Benedetto XVI*. Turin: Lindau, 2012.
- MADRIGAL, Santiago (ed.). *El pensamiento de Joseph Ratzinger. Teólogo y Papa*. Madrid: San Pablo - Universidad Pontificia de Comillas, 2009.
- MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Dogmática Católica: teoria e prática da Teologia*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- _____. Prólogo del editor. In: RATZINGER, Joseph. *Obras completas VI/1: Jesús de Nazaret, Escritos de cristología*. Madrid: BAC, 2015.
- NORTZ, Basil. A Cristologia de Joseph Ratzinger no livro Introdução ao Cristianismo. In.: *Revista De Magistro de Filosofia*, Anápolis (GO), ano VIII/2, n. 16, 2015.
- OCCHIPINTI, G. Verbeté: Exegese integral. In.: LEXICON: dicionário teológico enciclopédico. São Paulo: Loyola, 2003, p. 278.
- PIERLUCA, Azzaro. *Gesù di Nazaret all’università: Il libro di Joseph Ratzinger-Benedetto XVI letto e commentato negli Atenei italiani*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2012.
- RATZINGER, Joseph. *Caminos de Jesucristo*, Madrid: Ediciones Cristiandad, 2005.
- _____. Die Legitimität des christologischen Dogmas. *Estudios Eclesiásticos*, n. 47, p. 487-503, 487 nota, 1972.
- _____. *Dogma e Anúncio*. São Paulo: Loyola, 2007.
- _____. *God and the World: a conversation with Peter Seewald*. San Francisco: Ignatius, 2002.
- _____. *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o Símbolo Apostólico*. São Paulo: Herder, 1970.
- _____. *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o Símbolo Apostólico. Com um novo ensaio introdutório*. Trad. Alfred J. Keller. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- _____. Introduction. In.: GUARDINI, Romano. *The Lord*. Washington: Regnery, 1984.
- _____. *Jesus de Nazaré: do batismo no Jordão à transfiguração*. 3ª ed. São Paulo: Planeta, 2020.
- _____. *Miremos al Traspasado*. Santa Fe – Argentina: Fundación San Juan, 2007.
- _____. *Obras completas VI/1: Jesús de Nazaret, Escritos de cristología*. Madrid: BAC, 2015.
- _____. *Volk und Haus Gottes in Augustins Lehre von der Kirche*, St. Ottilien: EOS-Verl, 1992.

- _____. Why I am still in the Church. In.: RATZINGER, Joseph. *Fundamental speeches from five decades*. San Francisco: Ignatius, 2012.
- RICHI ALBERTI, Gabriel (ed.), *Jesucristo en el pensamiento de Joseph Ratzinger*, Collectanea Matritensia 9. Madrid: Facultad de Teología San Dámaso, 2011.
- SOBALVARRO, J. Joel. Cristología de Joseph Ratzinger. In.: *Revista Teología y cultura*, Universidad del centro educativo latinoamericano, Rosario (Argentina), año 11, v. 16, p. 84-105, 2014.
- TAGLIAFERRI M., (a cura di), *Il Gesù di Nazaret di Joseph Ratzinger: Un confronto*, Assisi: Cittadella Editrici, 2011.
- TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma Teológica: O Mistério da encarnação: v.8, parte 3, questões 1-59*. São Paulo: Loyola, 2017.
- URÍBARRI BILBAO, Gabino. La oración De Jesús Según J. Ratzinger, teólogo Y Papa. Líneas Maestras De Una Cristología Espiritual. In.: *Estudios Eclesiásticos. Revista de investigación e información teológica y canónica*, Universidad Pontificia Comillas, Madrid, v. 91, n. 357 (1), p. 363-390, 2016.
- VIDAL TALENS, José. Líneas maestras de la cristología de J. Ratzinger. In.: *Communio: revista católica internacional*, n. 7, p. 97-121, 2007.
- _____. Mirar a Jesús y “ver” al Hijo de Dios, hecho hombre para nuestra Redención: aportación de J. Ratzinger a la Cristología contemporánea. In.: MADRIGAL, Santiago, (ed.), *El pensamiento de Joseph Ratzinger*, Madrid: San Pablo-Universidad Pontificia de Comillas, 2009, p. 67-100.

Recebido em: 18/06/2021

Aprovado em: 30/09/2021